



TRAMAS FORMATIVAS DA DOCÊNCIA: ENTRE PRÁTICAS E CONHECIMENTOS QUE SE ARTICULAM NO COTIDIANO¹

SOUZA, Nathália Cristina Amorim
Tamaio de – FFC/UNESP ²

¹ Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Pós-Doutorado em desenvolvimento, financiada pela CAPES no âmbito do Programa Institucional de Pós-Doutorado (PIPD), e realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP de Marília.

² Pesquisadora da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília.
E-mail: nathalia.amorim@unesp.br.

RESUMO

O presente trabalho constitui parte de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento e tem como objetivo refletir sobre a formação de professores e professoras da Educação Básica diante da complexidade de uma sociedade cada vez mais conectada. A investigação adota como abordagem metodológica um estudo de natureza teórica e caráter interpretativo, fundamentado no referencial da História Cultural, cujos pressupostos permitem compreender a formação docente como um processo situado, atravessado por práticas, representações, movimentos, desvios e reempregos. Essa perspectiva desloca o foco da mera aplicabilidade para a análise das formas inventivas e autorais pelas quais os professores reelaboram, negociam e produzem sentidos em contextos formativos. Relacionar esse alicerce teórico à discussão acerca da integração de distintas esferas de conhecimento — pedagógicos, tecnológicos, culturais e sociais —, traz luz à importância do reconhecimento de práticas cotidianas que, muitas vezes invisibilizadas, desempenham papel fundamental no desenvolvimento profissional. Tais práticas, por emergirem da experiência concreta dos sujeitos, revelam-se potentes para sustentar processos formativos mais criativos e sensíveis às transformações contemporâneas. Infere-se, assim, que a formação docente se enriquece quando incorpora os múltiplos saberes que circulam nos espaços escolares como parte de uma trama de significados. Ao valorizar os diferentes modos de ser e de fazer, abrem-se caminhos para repensar a docência em sua profundidade, fortalecendo percursos formativos mais abertos e integradores.

Palavras-chave: Formação docente; Práticas cotidianas; História Cultural.

1. INTRODUÇÃO

A formação docente, especialmente no contexto contemporâneo, constitui um campo de estudo que demanda constante reflexão e ressignificações. As transformações tecnológicas, culturais e sociais, impulsionadas pela conectividade e pela fluidez das informações, desafiam a escola e os/as professores/as a repensarem suas práticas, saberes e modos de ensinar. Nesse cenário, compreender a docência como uma prática em movimento — situada, inventiva e relacional — torna-se essencial para pensar processos formativos mais coerentes com a complexidade do presente.

Considerando a realidade supracitada, o presente texto, que integra uma pesquisa de pós-doutorado em andamento, tem como objetivo refletir sobre as tramas formativas da docência na Educação Básica, tomando como referência o aporte teórico da História Cultural, especialmente a partir das contribuições de Michel de Certeau, Carlo Ginzburg e Anne-Marie Chartier. Busca-se compreender como práticas e saberes docentes se articulam no cotidiano e de que modo tais articulações podem iluminar perspectivas outras para a formação de professores e professoras em tempos de mudanças e conectividade.

A justificativa para este estudo está ancorada na necessidade de deslocar o foco das discussões sobre formação docente de uma perspectiva meramente instrumental — centrada na aplicação de técnicas e metodologias — para uma visão que reconheça a autoria, a historicidade e a complexidade das práticas educativas. As abordagens tradicionais, muitas vezes, desconsideram os modos pelos quais os professores reelaboram prescrições e produzem sentidos próprios em seus contextos. Nesse sentido, assumir o referencial da História Cultural permite compreender a formação docente como um processo tecido nas práticas, nas representações e nas experiências cotidianas, constituindo-se em um espaço de criação e reinterpretação permanente.

Ao recorrer a Michel de Certeau (1994), parte-se da noção de que o cotidiano é um terreno de inventividade, no qual se manifestam as ‘artes de fazer’ dos sujeitos — práticas singulares que revelam resistências e apropriações. De Carlo Ginzburg (1989), herda-se o olhar atento aos indícios e fragmentos que revelam sentidos ocultos nas ações humanas, oferecendo uma chave interpretativa para compreender as nuances do fazer docente. Por sua vez, Anne-Marie Chartier (2007) contribui com uma leitura histórica das práticas pedagógicas, mostrando como a docência se inscreve em processos cotidianos, nos quais tradição e mudança se entrelaçam.

A partir dessas perspectivas, o trabalho estrutura-se em quatro seções principais. Na primeira, apresenta-se o referencial teórico-metodológico e os fundamentos da História Cultural que orientam a análise. A segunda seção discute a metodologia adotada, de natureza teórica e interpretativa, centrada na leitura analítica das obras dos autores mencionados. A terceira seção — Resultados e Discussão — desenvolve o diálogo entre as ideias de Certeau, Ginzburg e Chartier, articulando-as à formação docente na contemporaneidade. Por fim, nas Considerações Finais, são retomadas as principais contribuições da análise, enfatizando a necessidade de reconhecimento do caráter autoral e inventivo da docência, bem como da promoção de percursos formativos mais abertos, críticos e integradores.

Assim, o estudo propõe uma análise que compreende o ato de ensinar como prática cultural e histórica, atravessada por saberes múltiplos, experiências e reapropriações. Ao valorizar o cotidiano e suas tramas invisíveis, abre-se espaço para pensar uma formação docente capaz de dialogar com os desafios e as potencialidades do mundo conectado, sem perder de vista a dimensão humana, simbólica e criadora do trabalho educativo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO E FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA CULTURAL

A pesquisa toma como fundamento os pressupostos da História Cultural, campo teórico que possibilita compreender a docência e a formação de professores como práticas situadas, produzidas e constantemente reelaboradas nas experiências cotidianas. A História Cultural busca compreender os modos como os sujeitos produzem sentidos, negociam significados e constroem representações no interior de contextos sociais e simbólicos. Conforme destaca Chartier (1990), o interesse da História Cultural recai sobre as maneiras pelas quais, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e representada. Essa abordagem, portanto, abre caminho para investigar o trabalho docente para além de sua dimensão institucional, isto é, considerando suas tramas invisíveis — feitas de gestos, escolhas e reinvenções que compõem o cotidiano escolar.

No âmbito da formação docente, a História Cultural oferece subsídios para reconhecer as práticas pedagógicas como resultados de um processo histórico, permeado por relações de poder, apropriações e resistências. Anne-Marie Chartier (2007) tem se destacado por evidenciar que as práticas educativas, especialmente as de leitura e escrita, são construções sociais que se transformam ao longo do tempo, acompanhando mudanças culturais e institucionais. Sua contribuição permite compreender a escola como espaço de circulação de saberes, no qual os professores elaboram e reelaboram práticas a partir das condições concretas de seu trabalho. Como assinalam Carvalho e Hansen (2009, p. 29), Chartier é uma historiadora das práticas culturais, interessada menos nos discursos normativos e mais nas formas pelas quais os sujeitos agem e significam suas ações.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Michel de Certeau, cuja obra *A invenção do cotidiano* (1994) oferece uma base conceitual potente para compreender o fazer docente como prática inventiva. Para o autor, o cotidiano é o espaço onde se manifestam ‘as artes de fazer’, ou seja, as estratégias e táticas criadas pelos sujeitos comuns para resistir, negociar e dar sentido às imposições das estruturas sociais. Essas ‘práticas ordinárias dos homens’, afirma Certeau (1994), não são insignificantes; elas inventam e reapropriam. No contexto educacional, essa noção favorece a compreensão dos professores como sujeitos que reinventam o currículo, reinterpretam políticas e produzem sentidos singulares, ainda que inseridos em contextos institucionais historicamente marcados pelo controle e pela supervisão.

Autores como Ferraço, Soares e Alves (2018) evidenciam a fecundidade dessa perspectiva para o campo educacional, ao proporem pesquisas nos/dos/com os cotidianos, em que o pesquisador se insere na experiência e reconhece o saber produzido pelos sujeitos em suas práticas. Segundo os autores, inspirar-se em Certeau implica valorizar o saber do cotidiano, aquele que se constrói no meio das tensões, nas brechas e nos gestos de criação que escapam às prescrições.

A História Cultural também se articula ao pensamento de Carlo Ginzburg, que contribui para a dimensão metodológica desta pesquisa por meio do chamado paradigma indiciário. Em *Mitos, emblemas e sinais*, Ginzburg (1989) propõe que o conhecimento histórico se constrói a partir da leitura de vestígios, fragmentos e indícios deixados pelas ações humanas, defendendo que a realidade é densa de sinais, e o investigador deve aprender a decifrá-los. Nessa perspectiva, o autor destaca que “[...] é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis [...]. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis” (p. 144) que permitam desvendar “uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (p. 150). Em outras palavras, o modelo indiciário:

desvela o não dito, o não revelado claramente, com os contrassensos, pausas, silêncios, distrações, negações e repetições e com o relato de histórias de vida, buscando no passado explicações para o presente e, possivelmente, elementos para tencionar o futuro (Souza, 2019, p. 388-389).

Essa proposta metodológica inspira uma leitura atenta das práticas docentes, buscando compreender as pequenas pistas e rastros que revelam modos de ser e fazer na profissão. Com base nessa lógica, a análise das práticas formativas não se centra nas grandes narrativas, mas nas marcas sutis do cotidiano — nos gestos, improvisações e astúcias pelas quais os professores traduzem e ressignificam o saber pedagógico. Conforme ressalta Souza (2019), as práticas invisíveis da docência são expressões da inventividade dos sujeitos e, embora pouco registradas, sustentam a vitalidade do trabalho educativo. Essa visão indiciária permite revelar dimensões do ensino e da formação que frequentemente escapam aos modelos teóricos prescritivos, mas que são fundamentais para compreender a docência como prática cultural.

A leitura articulada de Certeau, Ginzburg e Chartier revela, portanto, um ponto de convergência: todos se interessam pelas práticas — por aquilo que os sujeitos fazem, reinterpretam e inventam em seu cotidiano. Cada um, à sua maneira, desloca o foco das estruturas para as ações concretas, das normas para as experiências. Como observa Vidal (s.d., p. 77), Certeau foi um “historiador-vagabundo”, capaz de caminhar entre fronteiras disciplinares e de dar voz às práticas anônimas, às micro-histórias que compõem a vida social. Essa postura epistemológica inspira também o olhar sobre a docência, entendida como território de transgressões sutis e de saberes silenciosos, mas profundamente significativos.

Assim, o referencial teórico-metodológico adotado nesta pesquisa compreende a formação docente como processo cultural e histórico, em constante diálogo com as práticas e representações que emergem da experiência concreta dos professores. A História Cultural, ao privilegiar a multiplicidade das vozes e a materialidade das práticas, permite uma leitura sensível das tramas formativas que se tecem entre saberes, contextos e sujeitos. Essa abordagem oferece, portanto, um horizonte fecundo para pensar a docência como um campo de invenção, onde se entrecruzam memória, experiência e criação, iluminando caminhos para percursos formativos mais abertos, autorais e reflexivos.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa insere-se no campo dos estudos teóricos de caráter interpretativo, fundamentados nos aportes da História Cultural. Esse referencial, conforme destacam Certeau (1994), Ginzburg (1989) e Chartier (2002), permite compreender práticas sociais e educativas não como meros reflexos de estruturas prescritivas, mas como processos de produção cultural, marcados por negociações, apropriações e invenções cotidianas. Tal perspectiva oferece ferramentas para analisar a formação docente em sua complexidade, reconhecendo-a como experiência histórica, situada e relacional.

O desenho metodológico pauta-se na análise interpretativa de produções teóricas que dialogam com a temática da formação docente. O objetivo preconiza a construção de um percurso reflexivo capaz de evidenciar as tramas formativas que emergem da articulação entre práticas e saberes pedagógicos, culturais e sociais. Nesse movimento, busca-se valorizar indícios, pistas e fragmentos — à luz do paradigma indiciário de Ginzburg — que iluminem aspectos muitas vezes invisibilizados do trabalho docente e da sua constituição formativa.

A opção pela abordagem teórica justifica-se pelo propósito de problematizar categorias analíticas, ampliando a compreensão das práticas cotidianas como espaços de autoria e

inventividade. Em diálogo com as proposições de Certeau sobre as ‘artes de fazer’, a investigação privilegia a leitura dos modos singulares pelos quais os professores reelaboram prescrições, negociam sentidos e produzem táticas formativas em contextos concretos. Nesse sentido, não se busca um modelo universal de formação, mas a compreensão de percursos plurais, abertos às múltiplas dimensões que atravessam a docência.

O procedimento metodológico envolve, portanto: a) levantamento e sistematização de referenciais teóricos sobre formação docente e História Cultural; b) análise crítica de conceitos-chave, como práticas, táticas, indícios e apropriações; e c) articulação entre os referenciais selecionados e os debates atuais sobre docência e sociedade conectada. Essa trajetória permite construir interpretações que evidenciem a docência como uma trama de significados em constante movimento, marcada pela integração de diferentes saberes e pela inventividade cotidiana.

Assim, a metodologia adotada visa sustentar uma reflexão que reconheça a docência em sua densidade histórica e cultural, destacando sua potência formativa e a necessidade de percursos mais criativos, críticos e integradores para o fortalecimento da formação de professores e professoras da Educação Básica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados desta pesquisa teórica decorrem da análise interpretativa das obras de Michel de Certeau, Carlo Ginzburg e Anne-Marie Chartier, mobilizadas como lentes para refletir sobre a formação docente no contexto contemporâneo. O estudo permitiu compreender a docência como prática inventiva, histórica e situada, na qual se entrelaçam diferentes saberes e experiências.

Michel de Certeau (1994, p. 40) afirma que o cotidiano é o lugar onde se desenvolvem ‘artes de fazer’, ‘astúcias’, ‘inventividades’, que revelam modos de agir singulares, criativos e resistentes diante das imposições. No campo educacional, essas artes podem ser compreendidas como as táticas que os professores utilizam para transformar prescrições em práticas concretas. Essa concepção revela que a docência não se limita à reprodução de normas, mas constitui-se como espaço de autoria, no qual os sujeitos reelaboram sentidos em situações cotidianas. Partindo das possibilidades anunciadas por essa concepção, tornou-se possível cunhar a definição de inventividade docente – em minha tese de doutorado em Educação –, ressaltando que dizem respeito a:

ações táticas – impregnadas de criatividade, astúcia – de sujeitos (neste caso, professores/as) em narrativas sobre suas práticas cotidianas, que podem ser expressas na descrição de olhares e mudanças de olhares, na combinação entre o tradicional e as apropriações, no jogo de palavras, nas histórias, na bricolagem de diferentes elementos culturais para a construção de um modo próprio de ressignificar, imbricado ao que lhes é dado para consumo - em contexto de formação inicial ou continuada (Souza, 2022, p. 69).

Em tempos de conectividade, nos quais os professores precisam lidar com novas linguagens, tecnologias e demandas sociais, as ‘táticas’, descritas por Certeau, adquirem centralidade. A inventividade torna-se um recurso para conciliar pressões externas com as necessidades reais dos contextos escolares, o que reforça a ideia de que a formação docente deve considerar a capacidade autoral dos educadores.

Carlo Ginzburg (1989) defende que a realidade histórica pode ser compreendida a partir da leitura de indícios, sinais e vestígios aparentemente secundários, mas carregados de

significado. Esse paradigma indiciário desloca o olhar daquilo que é grandioso e explícito para o que é fragmentário e sutil. Transposta à docência, tal perspectiva orienta para a valorização dos pequenos gestos, improvisações e escolhas que marcam o cotidiano escolar. São nos ‘detalhes reveladores’ (GINZBURG, 1989) que se encontram pistas sobre como os professores reinterpretam políticas, currículos e tecnologias. Em uma sociedade marcada pela mudança, essa sensibilidade aos indícios torna-se ainda mais necessária, pois permite compreender como os docentes produzem percursos formativos próprios diante das transformações aceleradas do presente.

Anne-Marie Chartier (2007) enfatiza que as práticas de leitura e escrita, longe de serem neutras, estão imersas em processos históricos e culturais que as configuram em cada época. Essa observação é fundamental para compreender que a docência também se constitui a partir de uma historicidade, na qual se entrelaçam tradições, apropriações e reempregos.

Assim, ao mesmo tempo em que a conectividade impõe novos desafios, ela não rompe com o passado, mas reinscreve antigas práticas em novos contextos. As heranças históricas da escolarização — como modos de organizar a aula, práticas de avaliação e formas de mediação de conhecimento — continuam presentes, ainda que ressignificadas pelas demandas contemporâneas. Esse entendimento mostra que a formação docente deve ser pensada em sua continuidade histórica, reconhecendo tanto permanências quanto transformações. Não se trata, portanto, de uma dinâmica que reforça dicotomias, como inovação *versus* tradição / teoria *versus* prática / obediências *versus* subversão, mas da bricolagem³ de diferentes elementos culturais para a compreensão de processos que se encontram sempre em movimento.

A leitura conjunta dos três autores evidencia que a docência pode ser compreendida como uma trama, ou uma rede de significados em constante construção. Certeau (1994) aponta para a inventividade cotidiana, Ginzburg (1989) ensina a atentar-se aos indícios que revelam dimensões ocultas das práticas e Chartier (2007) destaca a historicidade que permeia o ofício de ensinar.

Desse diálogo resulta a compreensão de que a prática docente integra saberes pedagógicos, culturais, sociais e tecnológicos, articulando-os de forma não linear, mas situada e relacional. Em tempos de mudanças e conectividade, essa trama torna-se mais complexa, desafiando a formação a reconhecer que os professores são sujeitos de práticas autorais, que produzem e reconfiguram sentidos em meio a diferentes supervisões.

Os resultados apontam para a necessidade de percursos formativos que reconheçam as práticas cotidianas como instâncias legítimas de produção de saberes. Como observa Certeau (1994), as práticas ordinárias dos homens não são insignificantes; elas inventam e reapropriam. Essa afirmação sublinha a relevância de valorizar o fazer docente como lugar de invenção e criação. Nesse sentido, apostar na existência da inventividade docente e pressupor que ela se manifesta, mesmo que sutilmente, na prática desenvolvida pelas professoras, significa acreditar que a realidade está repleta de ações que “curto-circuitam as encenações institucionais” (CERTEAU, 1994, p. 41)

Do mesmo modo, o paradigma indiciário de Ginzburg (1989) indica que a formação precisa desenvolver nos professores a capacidade de leitura atenta dos fragmentos da prática, habilitando-os a identificar pistas e sinais que orientam a tomada de decisões pedagógicas. Chartier (2007), por sua vez, lembra que essa formação precisa encontrar apoio na compreensão da historicidade da docência, evitando concepções que isolem o presente de suas continuidades culturais e sociais.

Em síntese, a análise das obras dos três autores mostra que a formação docente, em tempos de

3 Oriundo do francês, o termo *bricolage* se refere a um trabalho manual feito de improviso e que aproveita materiais diferentes. Certeau (1994) utilizou a noção de bricolagem para representar a união de diferentes elementos culturais.

mudanças e conectividade, deve ser compreendida como processo autoral, indiciário e histórico. Reconhecer os professores como sujeitos que inventam, reinterpretam e historicizam sua prática significa abrir espaço para percursos formativos mais criativos, sensíveis às transformações e atentos às singularidades do cotidiano escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender a formação docente como um processo dinâmico, inventivo e situado, atravessado por múltiplas dimensões históricas, culturais e sociais. A partir dos aportes de Michel de Certeau, Carlo Ginzburg e Anne-Marie Chartier, evidenciou-se que a docência não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas aplicáveis ou a prescrições externas, mas deve ser pensada como trama complexa de saberes e práticas.

De Certeau (1994) recuperamos a noção de que os professores, em seu cotidiano, produzem ‘artes de fazer’ que revelam criatividade, resistência e autoria diante de demandas e constrangimentos institucionais. De Ginzburg (1989) aprendemos a valorizar os indícios e fragmentos aparentemente menores, mas fundamentais para compreender a riqueza do ofício docente. De Chartier (2007) destacamos a historicidade das práticas escolares, lembrando que a docência é atravessada por permanências e mudanças, sempre em diálogo com contextos sociais e culturais mais amplos.

Em tempos de conectividade e transformações aceleradas, essas perspectivas oferecem ferramentas potentes para repensar a formação docente. Elas indicam a importância de criar percursos formativos que não se limitem à transmissão de conteúdos, e que favoreçam a leitura crítica do cotidiano, a valorização dos gestos e escolhas singulares e o reconhecimento das tradições que ainda estruturam a prática escolar.

Assim, as considerações finais reforçam que a docência deve ser entendida como prática autoral e relacional, que integra diferentes esferas de conhecimento e se reinventa constantemente em diálogo com os desafios da atualidade. Valorizar esse movimento significa fortalecer percursos formativos mais abertos, críticos e integradores, capazes de sustentar uma educação sensível às demandas atuais e comprometida com a potência criadora dos professores e das professoras.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, M. C.; HANSEN, J. A. Anne-Marie Chartier: historiadora das práticas culturais. **Revista Pedagogia Contemporânea**. São Paulo: Ed Segmento, v. 3, p. 28-43, 2009.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, A.-M. **Ler e escrever: entrar no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/ com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, N. C. A. T. **A inventividade docente na relação entre formação de professoras alfabetizadoras e práticas de ensino de leitura e escrita.** Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2022.

SOUZA, N. C. A. T. Sobre as práticas “invisíveis” da docência: olhares a partir de pressupostos da História Cultural. **Contrapontos**. Itajaí, v. 19, n. 1, p. 382-391, 2019.

VIDAL, D. G. Michel de Certeau: historiador-vagabundo, jesuíta errante. **Revista Pedagogia Contemporânea**. São Paulo: Ed Segmento, p. 76-91, [s.d.].